

O que são as flores

Julia de Asensi

Tradução e apresentação de Luzia Antonelli Pivetta¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Apresentação

Julia de Asensi viveu entre os anos de 1849 e 1921, em Madri, Espanha. Foi escritora, poeta e tradutora. Filha de Tomás de Asensi y Lugar e de María del Rosario Laiglesia, desde pequena recebeu uma educação esmerada e costumava ter contato com literatos e intelectuais que frequentavam sua casa. Autodidata, aprendeu francês, alemão e italiano e aos sete anos escreveu seus primeiros versos. No ano de 1873 dá início, oficialmente, a sua carreira como escritora, publicando em jornais da época suas primeiras poesias e artigos literários. É importante ressaltar o papel da imprensa naquele período, já que era por meio dos *periódicos* e revistas que as mulheres do século XIX foram garantindo timidamente seu espaço no meio literário. O texto *Lo que son las flores*, no qual predomina um tom fantástico, foi publicado na revista literária *La Lira Española* na edição nº 14 do dia 10 de maio de 1873.

O que são as flores

Julia de Asensi

Sabem vocês o que são as flores?

Eu ignorava quando as via em um jardim, colocadas em vasos simples ou enfeitando graciosos arbustos. Encantavam-me seus delicados matizes, o aroma que exalavam e, muitas vezes, ao encontrar-me sozinha em meu quarto, sonhava com elas e essa recordação me extasiava.

Um dia me perdi em um campo.

Chegou a noite e foi impossível encontrar o meu caminho. Vagava sem rumo nem guia, e assim passaram rápidas as horas sem que eu pudesse afastar-me daquele rústico labirinto.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Bolsista UNIEDU/FUMDES, lapivetta@gmail.com

Por fim, consegui sair do bosque e um delicioso jardim apareceu à minha frente. A débil e rosada voz da aurora começava a iluminar a terra, e como a entrada do jardim estava aberta penetrei sem vacilar naquele pomar encantador.

Nunca vi antes nem depois um lugar tão gracioso quanto esse que vou tentar descrever ao leitor, mesmo que imperfeitamente.

Era um extenso parque, no qual se elevavam majestosamente milhares de árvores gigantescas, projetando sua sombra sobre o gramado coberto de orvalho. Algumas melindrosas fontes deixavam escutar o monótono som do cair de suas águas. Várias estátuas de belas ninfas eram avistadas ao longe, parecendo as divindades protetoras daquele lugar.

Os pássaros começavam a entoar seus cantos melódiosos. Alguns davam um triste adeus à noite, outros saudavam o dia com júbilo.

Os insetos rodopiavam ao redor das plantas e brilhavam no espaço como astros luminosos.

As flores... nunca tinha visto flores mais encantadoras na minha vida! A rosa, a magnólia e a açucena perfumavam o ambiente; a camélia, o amor-perfeito e a margarida embelezavam o jardim.

Todas as flores estavam ali reunidas, sem exceção, desde a vitória-régia, que cresce nas margens dos grandes rios da América meridional, até a poética e humilde violeta, que é cultivada em quase todos os jardins da nossa Espanha.

Seria impossível dizer qual daquelas plantas era a mais bela ou a que mais atraía meu olhar.

— Que lindas são! — exclamei, inclinando-me sobre elas. E estendi a mão para apanhar um ramo de miosótis.

Ia partir a flor quando tive a impressão de escutar um gemido. Assustada e confusa, afastei-me involuntariamente buscando alguma explicação para uma coisa tão incompreensível para mim. Parecia que o gemido havia sido lançado pela própria flor.

— Por acaso — perguntei-me — sofreriam as plantas quando as maltratamos arrancando-as de seus caules?

— Sim — respondeu-me uma voz harmoniosa que não parecia pertencer a este mundo.

— As flores têm alma, afinal? — prossegui.

Não obtive nenhuma resposta, ou se a obtive, nada ouvi, distraída como me encontrava ante o estranho espetáculo que se apresentou diante de mim.

As flores abriram seus cálices e de cada um deles saiu... Como poderei dizer?

Sabe-se descrever como é o ar ou como é um raio de sol? O que saiu das flores não era uma fada, nem uma luz, nem um inseto, mas uma essência mais pura, mais ideal do que o homem possa imaginar.

Eu a contemplava absorta, embevecida, e sem poder dar-me conta do que se passava ao meu redor.

Muitas vezes havia ouvido dizer que as flores têm alma, porém, jamais havia acreditado; e ainda que não tivesse duvidado, nunca suspeitei que essa alma pudesse abandonar a planta e vagar pelo espaço como faz o espírito do homem, sem dúvida, enquanto o corpo se entrega ao repouso. Aonde iam essas almas? O que queriam? O que buscavam?

Encontravam-se ali certamente boas e más, queridas e odiosas para mim. Sentia a benéfica influência de umas e o fatal contágio de outras.

— Quem são vocês? — perguntei, fascinada.

— Eu, disse-me uma açucena, sou uma alma cândida e simples, mais branca que minhas flores, mais pura que o perfume que exalo.

— Eu, prosseguiu uma rosa, sou uma alma ardente, apaixonada; meu amor é vivo, animado, como minhas pétalas; minha vida breve.

— Eu, acrescentou um amor-perfeito, sou uma alma reflexiva que desfruta de suas memórias.

— Eu, continuou uma violeta, sou uma alma modesta; amo a escuridão e o silêncio, abrigo-me debaixo das folhas para buscar sob seu escudo amparo e proteção.

— Eu, murmurou uma margarida, tenho uma alma virgem, um coração de ouro, simples e puro como o de uma criança.

E assim foram falando todas as plantas, umas altivas, outras amantes, algumas indiferentes. E, à medida que me diziam seus nomes e seus atrativos, aquela essência ia desaparecendo e as flores voltavam a ficar belas, mas sem vida. Inutilmente as chamei, em vão com elas falei, nenhuma pôde me responder nem me compreender.

Mas, o que me importava?

Por acaso não sabia que ali estando a essas horas podia contemplar semelhante fenômeno diariamente?

Muitas vezes, encontrei-me à meia-noite nas ruas da cidade, mas em nenhuma delas deparei-me com o estranho espetáculo que acabava de ver.

A impressão que me deixou foi igual à que produz um sonho.

Quando, por fim, pude sair daquele parque, a noite havia fugido levando consigo meu encanto.

As plantas cheias de orvalho se inclinavam tristemente para a terra. As aves cruzavam o espaço.

Os insetos pousavam livremente sobre aquelas flores pouco antes cheias de vida.

O sol lançava sobre aquele lugar seus primeiros raios.

É sabido que a luz do sol dissipa todas as quimeras; mas nesta ocasião, não foi assim.

Voltei para minha casa triste e pensativa... As flores somente vivem de noite; os mortais, somente de dia. Por acaso são as mesmas almas que nos habitam?

Lo que son las flores

Julia de Asensi

¿Sabéis vosotros lo que son las flores?

Yo lo ignoraba cuando las veía en un jardín colocadas en sencillas macetas o engalanando graciosos arbustos. Me encantaban sus delicados matices, el aroma que exhalaban, y muchas veces, al encontrarme sola en mi cuarto, soñaba con ellas y me extasiaba su recuerdo.

Un día me extravié en un campo.

Llegó la noche y me fue imposible hallar mi camino. Vagaba sin rumbo ni guía, y así pasaron rápidas las horas sin que pudiese alejarme de aquel inculto laberinto.

Al fin logré salir del bosque, y un delicioso jardín apareció a mi vista. La débil y rosada voz de la aurora empezaba a iluminar la tierra, y como la entrada del jardín estaba abierta, penetré sin vacilar en aquel vergel encantador.

No he visto antes ni después un paraje más delicioso que el que hoy voy a tratar de describir, aunque imperfectamente, al lector.

Era un extenso parque, en el que se elevaban majestuosamente miles de árboles gigantescos, proyectando su sombra sobre el césped cubierto de rocío. Algunas caprichosas fuentes dejaban escuchar el monótono sonido de la caída de sus aguas. Varias estatuas de bellas ninfas se divisaban a lo lejos, pareciendo las divinidades protectoras de aquel lugar.

Los pájaros empezaban a entonar sus cantos melodiosos. Unos daban un triste adiós a la noche, otros saludaban con júbilo el día.

Los insectos revoloteaban alrededor de las plantas, y brillaban en el espacio como astros luminosos.

Las flores... ¡no he visto flores más encantadoras en mi vida! La rosa, la magnolia y la azucena, perfumaban el ambiente; la camelia, el pensamiento y la margarita, embellecían el jardín.

Todas las flores estaban allí reunidas sin excepción; desde la victoria regia, que crece a orillas de los grandes ríos de la América meridional, hasta la poética y humilde violeta, que se cultiva en casi todos los jardines de nuestra España.

Imposible me hubiera sido decir cuál de aquellas plantas era más bella o atraía más mis miradas.

—¡Qué hermosas son! Exclamé, inclinándome sobre ellas. Y extendí la mano para coger una rama de miosotis.

Iba a tronchar la flor, cuando me pareció escuchar un gemido. Asombrada y confundida me aparté involuntariamente buscando alguna explicación a una cosa tan incomprendible para mí. Parecía que el gemido había sido lanzado por la misma flor.

—¿Acaso, me pregunté, sufrirán las plantas cuando las maltratamos arrancándolas de su tallo?

—Sí, me respondió un acento armonioso que no parecía pertenecer a este mundo.

—¿Tienen, pues, alma las flores? proseguí.

No obtuve ninguna respuesta, o si la obtuve nada oí, abstraída como me hallaba ante el extraño espectáculo que se presentó a mi vista.

Las flores abrieron sus cálices, y de cada uno de ellos salió... ¿podré acaso decirlo?

¿Se sabe describir cómo es el aire, o cómo es un rayo de sol? Lo que salió de las flores no era una hada, ni una luz, ni un insecto, sino una esencia más pura, más ideal que cuantas pueda imaginar el hombre.

Yo la contemplaba absorta, embebecida, y sin poder darme cuenta de lo que pasaba en mi derredor.

Muchas veces había oído decir que las flores tienen alma, pero jamás lo había creído; y aun cuando no lo hubiera dudado, nunca hubiese podido sospechar que esa alma pudiera abandonar la planta y vagar por el espacio como el espíritu del hombre hace sin duda mientras el cuerpo se entrega al reposo. ¿Adónde iban esas almas? ¿Qué querían? ¿Qué es lo que buscaban?

Se hallaban allí seguramente buenas y malas, queridas y odiosas para mí. Sentía la benéfica influencia de las unas, el fatal contagio de las otras.

—¿Quiénes sois? les pregunté fascinada.

—Yo, me dijo una azucena, soy un alma cándida y sencilla, más blanca que mis hojas, más pura que el aroma que exhalo.

—Yo, prosiguió una rosa, soy un alma ardiente, apasionada; mi amor es vivo, animado, como mis pétalos; mi vida breve.

—Yo, añadió un pensamiento, soy un alma reflexiva que, goza con sus recuerdos.

—Yo, continuó una violeta, soy un alma modesta; amo la oscuridad y el silencio, me albergo bajo las hojas para buscar en su escudo amparo y protección.

—Yo, murmuró una margarita, tengo un alma virgen, un corazón de oro, sencillo y puro como el de un niño.

Y así fueron hablando todas las plantas, unas altivas, otras amantes, algunas indiferentes. Y a medida que me decían sus nombres y sus atractivos, aquella esencia iba desapareciendo, y las flores volvían a quedarse bellas, pero sin vida. En balde las llamé, en vano las hablé; ninguna pudo contestarme ni comprenderme.

Pero ¿qué me importaba ya?

¿Acaso no sabía que velando a esas horas podía contemplar semejante fenómeno diariamente?

Muchas veces me había encontrado a medianoche en las calles de la ciudad, pero sabido es que en ninguna de ellas hubiera podido hallar el extraño espectáculo que acababa de ver.

La impresión que me dejó fue igual a la que produce un sueño.

Cuando al cabo pude salir de aquel parque, la noche había huido llevándose mi encanto.

Las plantas llenas de rocío se inclinaban tristemente hacia la tierra. Las aves cruzaban el espacio.

Los insectos se posaban libremente sobre aquellas flores poco antes llenas de vida.

El sol lanzaba sobre aquel lugar sus primeros rayos.

Sabido es que la luz del sol hace olvidar todas las quimeras; pero en esta ocasión no fue así.

Volví a mi casa triste y pensativa... Las flores solo viven de noche; los mortales solo de día ¿Serán acaso unas mismas almas las que nos animen?

REFERÊNCIA

ASENSI, Julia de. Lo que son las flores. *La Lira Española*, Madrid, v. 2, n. 14, p. 1-2, 10 maio 1873. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bne.es>. Acesso em: 20 ago. 2021.

